

Lagartas

A degradação das pastagens é um dos maiores problemas da pecuária brasileira, afetando diretamente a sustentabilidade do sistema produtivo. Considerando-se apenas a fase de engorda de bovinos, a produtividade de carne de uma pastagem degradada situa-se, normalmente, em torno de 30 kg/ha/ano, enquanto que, numa pastagem em bom estado, pode-se atingir 300 kg/ha/ano.

De forma geral, estima-se que cerca de 80% dos 170 milhões de hectares de pastagens no Brasil apresentam algum grau de degradação e, paralelo a isto, existe um número reduzido de pecuaristas recuperando as pastagens de suas propriedades, ou mesmo preocupados com o problema.

Um das causas de degradação de pastagem são os ataques de pragas como as cigarrinhas, perceijos e, com menor frequência, mas muita intensidade as lagartas. Estas consideradas insetos ocasionais em pastagens, ocorrendo ciclicamente em níveis populacionais elevados, são capazes de desfolhar totalmente extensas áreas de pastagens em curto período de tempo. As duas principais espécies de lagartas que atacam pastagens no Brasil são: *Spodoptera frugiperda* (lagarta-do-cartucho do milho) e *Mocis latipes* (curuquerê-dos-capinzais), sendo esta última a mais comum (Figura 1 e 2).



Figura 1. *Spodoptera frugiperda* (lagarta-do-cartucho do milho) à esquerda lagarta e à direita mariposa.



Figura 2. *Mocis latipes* (curuquerê-dos-capinzais) lagarta à esquerda e mariposa à direita.

.....

Nesses últimos anos têm sido relatados casos de grandes surtos populacionais destas pragas em algumas regiões do Brasil, frequentemente no início da estação chuvosa, seguidos de posterior desaparecimento das mesmas à medida que as chuvas se regularizam. É necessário entender como funciona o ciclo destas pragas e sua dinâmica no ambiente para que se possa propor medidas racionais de manejo e evitar possíveis danos econômicos.

Com uma produtividade de 5,0 arrobas por hectare por ano (aproximadamente a média nacional), por exemplo, perdendo-se 30% da produção anual devido à uma praga qualquer (1,5 arroba por hectare), estaríamos perdendo em valores atuais R\$ 150,00 por hectare (1,5 @/ha x R\$ 100,00/@). Muitas vezes uma aplicação de inseticida é mais cara que isso. Por este motivo dificilmente são observadas medidas de controle de pragas em sistemas extensivos de produção. Por outro lado, se a produtividade do sistema for de 25 arrobas por hectare, a mesma perda de 30% corresponderia à 7,5 arrobas ou, aproximadamente, R\$ 750,00. Neste caso a aplicação de inseticida se torna viável economicamente e ainda ocorre o aumento da preocupação com medidas preventivas, pois a perda é muito maior.

Os insetos adultos destas lagartas são mariposas de hábitos noturnos. De maneira geral, cada mariposa pode colocar de 300 a 2.000 ovos em sua vida. Estes ovos demoram de 2 a 5 dias para eclodirem, conforme a temperatura do ambiente, dando origem às lagartas, que se alimentam das folhas do capim. Ao completarem o desenvolvimento as lagartas empupam geralmente no solo, sendo o período de pupação variável conforme a temperatura; então a pupa dá origem à uma nova mariposa, fechando o ciclo que dura aproximadamente 30 dias em períodos quentes e chuvosos.

Um fator muito importante para o manejo dessas pragas é o conhecimento do padrão de consumo de forragem ao longo da fase de lagarta. Ao eclodirem os ovos, as lagartinhas já começam a raspar as folhas do capim, continuando neste processo até completarem seu desenvolvimento total. Cada lagarta consome em média 14.000 mm² de folha de capim para completar seu crescimento. Este fato atenta para a importância de se fazer o controle cedo, tão logo se observe folhas raspadas na pastagem e não deixar chegar na situação da Figura 3 abaixo.



Figura 3. Ataque de lagarta curuquerê-dos-capinzais em *Panicum maximum*.

.....

Ainda melhor é fazer o monitoramento de mariposas adultas, através de armadilhas de luz negra ou de feromônio, que consiste num processo menos oneroso que o monitoramento das lagartas na pastagem. Além disso, se tem um maior tempo para agir depois de percebido um aumento populacional de mariposas. Espera-se um aumento na população de lagartas no campo de 2 a 3 semanas após observação de aumento na população de mariposas e então já faz o controle dependendo dessa população.

Em relação ao nível de controle, não foram encontrados na literatura brasileira estudos que definam o nível de controle destes insetos em pastagens. Este nível pode variar consideravelmente conforme o estado da pastagem mas, de maneira geral, aproximadamente 50 a 100 lagartas por metro quadrado já justifica o início das operações de controle.

Este controle pode ser feito de forma química, utilizando-se inseticidas de baixa toxicidade e curto poder residual ou de forma biológica. No caso da *Spodoptera* spp. os produtos recomendados para o controle químico são: fosforados, clorofosforados, carbamatos e piretróides, entre outros. Para mariposas pode ser usada, também, isca preparada com um quilo de melaço, dez litros de água e 25 gramas de metomil.

No caso do controle da curuquerê-dos-capinzais pode ser feito para as ninfas usando de thiamethoxam ou carbofuran granulados, aplicados de um dos lados da touceira e para adultos, recomenda-se a aplicação de um inseticida seletivo que não atinja inimigos naturais da cigarrinha, como carbaril, triclofon e malation. Isso porque ela pode migrar para outras áreas.

O controle biológico se mostra interessante por não ter período de carência e não comprometer inimigos naturais das lagartas como alguns percevejos e a tesourinha. Produtos microbianos a base de *Bacillus thuringiensis* podem ser utilizados para o controle de curuquerê-dos-capinzais.

Outros testes estão sendo feito utilizando fungos como *Beauveria bassiana*, que em experimento conduzido na Apta Regional se mostrou eficaz verificando que as lagartas (Curuquerê e Militar) não se desenvolviam normalmente e, após três aplicações, a ação foi confirmada com alto índice de lagartas esporuladas (infectadas) como mostra a Figura 4.



Figura 4. M. latipes (à esquerda) e *Spodoptera* sp. (à direita) esporuladas por *B. bassiana*.



.....

Referencias Bibliográficas:

Ferreira, F. V. e Araripe, P. Deu lagarta no pasto? E agora? Artigo publicado na revista eletrônica Kleffmann. <http://www.portalklff.com.br>. Acessado em 21/12/2015.

GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R. P. L.; BATISTA, G. C.; BERTI FILHO, E.; PARRA, J. R. P.; ZUCCHI, R. A.; ALVES, S. B.; VENDRAMIN, J. D.; MARCHINI, L. C.; LOPES, J. R. S.; OMOTO, C. Entomologia agrícola. Piracicaba: FEALQ, 2002. 920 p.

GALLO, D.; NAKANO, O.; WIENDEL, F.M.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R.P.L; BATISTA, G.C.de; BERTI FILHO, E.; PARA, J.R.P.; ZUCCHI, R.A.; ALVES, S.B.; VENDRAMIN, J.D. Manual de entomologia agrícola. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988. 649 p.

Pereira, M. F. A. e Mendes E. E. B. Controle biológico em lagartas em pastagem de grama tifton. Pesquisa & Tecnologia, vol. 8, n. 1, Jan-Jun, 2011.

Santiago, A. D. e Rossetto, R. Pragas nas folhas. Site ageitec. Último acesso em 21/12/2015. <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br>.

Valério, J. R. Lagartas das Pastagens. Embrapa Gado de Corte, Campo Grande – MS, nº 26, dez 1997.